

ENTREVISTA/Marcos Terena

Preservação do Planeta depende dos índios

LOURDES FERNANDES

Mariano Marcos Terena, 37 anos, se considera índio apenas há pouco mais de uma década. Nascido numa aldeia do posto indígena de Taunay, em Mato Grosso do Sul, ele escondeu durante 14 anos sua origem indígena.

na, fazendo se passar por japonês pois, segundo ele, "facilitava o acesso ao mundo do homem branco".

Só assim conclui o curso de oficiais aviadores da Aeronáutica. Em 1977, chegou em Brasília para estudar na Faculdade de Administração de Empresas. Nessa época, passava as noites ouvindo

histórias dos caciques Kretã e Aritana.

Quando foi trabalhar na Funai, descobriu o Estatuto do Índio e percebeu que essa e outras leis não eram conhecidas pelos índios brasileiros. Foi assim que teve início sua militância: explicando as tribos os direitos indígenas.

Responsável pela criação da União das Nações Indígenas (UNI) e, mais recentemente, pelo "Cômite Intertribal — 500 anos de resistência", Terena tem uma agenda repleta.

Antes de partir para Genebra (Suíça), onde ficará até o dia 7 de setembro na III Reunião Prepara-

tória da Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), Terena deu seu aval para a escolha de um terreno no setor Agrícola da Colônia Juliano Moreira, no Parque Estadual da Pedra Branca (RJ), onde será erguida uma aldeia para receber líderes indígenas de todo o Mundo durante a Rio-92.

O GLOBO — Quais são as suas expectativas para a Rio-92?

TERENA — A gente sabe que a Rio-92 será um grande espetáculo para o Mundo todo. Mas nós, os índios, não nos consideramos parte desse espetáculo. O trabalho do Cômite Intertribal é de correr todas as aldeias explicando aos povos indígenas que o que o branco está tentando fazer é falar a linguagem do índio em termos de defesa do meio ambiente. Nós vamos aproveitar todos os conceitos errados, a estampa de preservação do meio ambiente, para mostrar ao nosso modo como isso deve ser feito. Afinal, essa conferência vai lidar com temas que ninguém melhor do que o índio conhece.

O GLOBO — Como será essa participação?

TERENA — Vamos trazer para o Rio de Janeiro, agora em novembro, 60 índios que vão construir uma aldeia conforme os padrões de uma reserva indígena. O local escolhido foi uma área de 4.000 metros quadrados no setor agrícola da Colônia Juliano Moreira, no Parque Estadual da Pedra Branca, em Jacarepaguá. Pretendemos mostrar aos Chefes-de-Estado do Primeiro Mundo que, se eles quiserem recuperar a natureza, terão que nos ouvir.

O GLOBO — No ano que vem os europeus vão comemorar o

quinzentos anos de descoberta da América. Você vê algum motivo para comemorar essa data?

TERENA — A criação do Cômite Intertribal — 500 anos de Resistência surgiu, exatamente, para mostrar que, durante esse tempo todo, nós garantimos as riquezas do País e, apesar de tantas ameaças sofridas, continuamos de pé. No entanto, chegou o momento de criarmos um novo tipo de relação com o homem branco. Descobrimos que a colonização que nos foi imposta não deu certo nem para a própria civilização do homem branco.

O GLOBO — Qual é o trabalho do Cômite Intertribal?

TERENA — O trabalho do cômite é ser porta-voz das expectativas dos 280 mil índios que ainda sobrevivem. Estamos procurando mexer com a esperança do índio. Podemos participar da vida econômica e política do País da mesma forma que as colônias japonesa e alemã. Elas têm padrão de vida típico, culturalmente identificado com suas tradições, e participam do processo de desenvolvimento que está a sua volta: politicamente, através do voto, e economicamente, através de empreendimentos comerciais.

O GLOBO — Como o índio pode participar da economia do País?



Se os Chefes-de-Estado do Primeiro Mundo quiserem realmente salvar a natureza, eles vão ter que nos ouvir

TERENA — A gente sabe que é difícil fazer isso em pouco tempo. Mas, depois de 500 anos, a descobrimos que a mentalidade de preservar o índio nunca foi benéfica. Ficou mais do que evidente que o serviço de proteção ao índio jamais funcionou. A partir de agora, pretendemos fazer com que o índio comece a se especializar no conceito de vida do branco. Mas uma coisa é certa: não queremos que as experiências da civilização como ca-

deia, favela, menor abandonado cheguem até nossas aldeias.

O GLOBO — Até 5 de outubro de 1993, segundo a Constituição, o Governo brasileiro terá que demarcar todas as terras indígenas. Como está esse processo?

TERENA — A gente não determinou essa data. Quem determinou foram os próprios constituintes, que não são índios. Eu

acredito que o Congresso Nacional estabeleceu essa data como forma de agilizar o processo de demarcação da terra por parte do Governo federal. Agora, seria necessário que o próprio Congresso assegurasse recursos específicos para o Governo agilizar a demarcação.

O GLOBO — Como deveria ser essa demarcação?

TERENA — As leis estão muito bem colocadas, mas muito longe da prática. O ideal seria fazer a demarcação das terras, homologando os territórios indígenas para que eles tivessem assegurada a posse segundo os critérios das leis do homem branco.

O GLOBO — Recentemente, numa entrevista, você chegou a dizer que a relação entre os posseiros, seringueiros, garimpeiros e as comunidades indígenas está mudando. Você alegava que muitos desses posseiros eram manipulados pelos próprios patrões. Como assim?

TERENA — Até certo ponto a gente realmente tratava o posseiro e o seringueiro como inimigos. No entanto, agora a gente sabe, esses seringueiros, muitas vezes, eram colocados numa região sem saberem que se tratava de território indígena. Muitos garimpeiros, por exemplo, morreram abandonados pelos seus próprios patrões e os que sobre-

viveram, com certeza, não ganharam o suficiente para ter uma vida digna no meio urbano. Essa linguagem está começando a ser entendida por amplos setores da sociedade, o que pode assegurar uma certa tranquilidade na demarcação dos territórios indígenas.

O GLOBO — Existem opiniões de que o protecionismo em relação à Amazônia é uma estratégia dos países ricos para impedir o acesso do Brasil à economia do Primeiro Mundo. O que você acha disso?

TERENA — Eu acredito que todos esses argumentos têm sentido. Sou um índio que conheço muitos países do Primeiro Mundo. Atualmente, eles insistem nesse discurso preservacionista. Mas há muitos e muito anos, o povo indígena já vinha falando nisso. No entanto, o homem branco, esse homem tecnológico, só acreditou naquilo que os índios estavam prevendo quando seu satélite fotografou e registrou a destruição da natureza. Isso faz com que a gente reflita, no próximo milênio, o que significa ser índio. Índio é aquele que tem que andar pintado para alegria dos colonizadores ou o índio pode fazer parte de todo um processo de desenvolvimento? O que significa desenvolver a Amazônia? Será que é construir uma estrada como a BR-364 que vai ligar Rio Branco à Lima e facilitar as exportações para o Japão pelo oceano Pacífico?